

APRESENTAÇÃO

Qual é o lugar da mulher? Qual é o lugar da mulher na História?

Com os olhos no passado, olhos no presente e olhos no futuro, apresentamos a nova edição da Revista Hydra nesse momento relevante da história para as mulheres. Seja na América Latina, no continente Americano, seja ao redor de todo o planeta, mulheres foram e são figuras centrais nos mais diversos aspectos políticos, percorrendo os espaços transnacionais e globais e atuando dentro de uma verdadeira miríade de acontecimentos.

No Brasil, em 31 de agosto de 2016, o golpe que decidiu pelo impeachment de Dilma Vana Rousseff marcou um importante acontecimento histórico na política brasileira. Rousseff foi presa política e torturada durante a ditadura civil-militar no Brasil (1964-1985), atuando em 2011 na criação, através da Lei 12.528, da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Em 2015, foi a presidenta responsável pela promulgação da Lei Complementar 150, que passou a garantir direitos às trabalhadoras domésticas, herança de uma luta histórica das mulheres negras no Pós-Abolição, com destaque para o pioneirismo de Laudelina de Campos Melo (1904-1991), que lutou por essas reivindicações durante sua vida.

O repúdio às conquistas obtidas no passado recente, como a investigação dos crimes de morte e desaparecimento cometidos pelos agentes do Estado durante a ditadura militar, além do aumento dos direitos das empregadas domésticas, foram alguns dos elementos que ocasionaram a efervescência recente de campos políticos da extrema-direita brasileira. Esses fenômenos, dentre outros fatores, levaram à eleição do militar reformado Jair Messias Bolsonaro, em 2018, ao cargo máximo do Executivo. Vivenciamos nesses últimos anos a ascensão política do ultra-conservadorismo como uma das reações diretas das classes dominantes à presença de uma mulher na presidência.

Dentre os vinte países que integram a América Latina, seis já legalizaram ou descriminalizaram a interrupção da gravidez, posto a luta e pressão de grupos feministas pelos direitos reprodutivos. Os casos mais recentes são da Argentina (2020), Chile (2021) e Colômbia (2022). Outros seis países já permitem o procedimento em casos da gravidez de risco à mulher ou

resultante de estupro. O Brasil, em setembro de 2022, contou com a atualização da Lei nº 9263, do planejamento familiar, aprovando um projeto facilitador do acesso de mulheres aos métodos contraceptivos, não sendo mais necessário pedir autorização do cônjuge para a realização da laqueadura, procedimento que leva à esterilização. Ao passo que nos EUA, em 2022, a Suprema Corte revogou o entendimento de que a Constituição dos Estados Unidos protegia a liberdade individual das mulheres grávidas e garantia sua decisão pelo aborto. Todos os assuntos mencionados acima exemplificam casos recentes de perdas e conquistas de direitos das, para e pelas mulheres no passado e presente.

Nossa edição conta com doze pessoas pesquisadoras, em nove artigos, que compuseram o dossiê do número 11 da *Revista Hydra*, “Lugar de mulher é na História - protagonismo feminino, feminismos e mulheres historiadoras”. Os textos trazem à luz o lugar que tantas mulheres ocuparam ou foram proibidas de ocupar ao longo da História, ao contrário do que o senso comum pode difundir. Mulheres sempre estiveram presentes como protagonistas da nossa saga, ainda que a história tida como oficial invisibilizasse sua agência ou, quando muito, relegasse sua participação a mera coadjuvante.

Os artigos que compõem esse dossiê retratam uma pluralidade de abordagens sobre a mulher, transitando em assuntos sobre o gênero feminino e a história. As pesquisas aqui apresentadas trazem reflexões partindo das mais diversas fontes de pesquisa e de análises que cruzam variadas disciplinas do conhecimento. Seus artigos refletem a diversidade do movimento feminista e carregam nas entrelinhas assuntos que percorrem desde a defesa da representatividade feminina até posicionamentos mais radicais, como a luta pelo fim do patriarcado e a revolução nas relações sociais.

Algumas palavras se repetem e conectam todos os artigos do dossiê, talvez não por acaso, demonstrando convergências em um universo que é plural e diverso. Palavras como *retrato*, *auto-retrato*, *rosto* e *face* são algumas dessas. É o autorretrato de Franziska Becker em seus quadrinhos, no artigo de Tânia Zimmermann, Ilyane do Rocio Kmitta e Jandira de Jesus, ou o autorretrato de Pagu refletido nas cinco mulheres ficcionais com traços fortes na realidade apresentadas em sua obra *Parque Industrial*, analisada por Samara Akemi Saraiva. E o rosto das mulheres na pandemia, em artigo de André de Oliveira Melo, apontando como as mulheres negras foram as mais

impactadas social e economicamente pela mais recente tragédia sanitária da história do Brasil, causada pelo vírus da Covid-19. E, por fim, o retrato de Virgilina de Souza Salles realizado por sua família a partir de seus periódicos, para o reconhecimento de seu pioneirismo para o movimento feminista no Brasil, no artigo de Giovanna Nardini.

Lugar e ocupar. São palavras também recorrentes nos textos. É o lugar que as mulheres ocupam na guerra e são proibidas de ocupar na memória da guerra, no artigo de Giovanna Bem Borges e Deborah Bem Borges, que retrata as contradições e conflitos da atuação das mulheres nos regimentos femininos do exército soviético na Segunda Guerra Mundial. É o lugar das mulheres e da homossexualidade feminina na Roma Antiga no artigo de Victoria Lacerda, que se apropria de diferentes fontes da cultura material para sua análise. É o estereótipo da loucura e o lugar biopolítico de terem seus corpos e mentes divergentes controlados a que diversas mulheres foram submetidas a ocupar, no trabalho de Carolina Bessa Duarte. Ou o lugar de invisibilidade das mulheres negras na história oficial da construção das cidades brasileiras, especialmente Resende, no Vale do Paraíba Sul Fluminense, em artigo de Rosenéia Terezinha de Oliveira. É, enfim, o lugar da memória e da subjetividade das parturientes no Piauí do século 20, no artigo de Maria Arthuane.

Completa o dossiê um conjunto de entrevistas com mulheres de origem, experiências e atuações diversas que, a partir de suas vivências discutem a presença das mulheres na produção da história e da literatura. As entrevistadas foram a Prof^ª. Dr^ª. Fabiana Schleumer, Prof^ª. Dr^ª. Mary Del Priore, Prof^ª. Dr^ª. Márcia Gomes Fernandes, a graduanda Cintia Gomes Guimarães e a escritora Malu Costacurta. Por meio dos entrevistadores: o graduando Matheus de Sena Monteiro, o Prof. Julio Cesar Aquino Teles Ferreira; e as entrevistadoras graduandas Laura Oliveira dos Santos e Luana Sena Chicol.

Entre os artigos livres, destacamos o trabalho de Rafaela França e Fernanda Da Conceição Felizardo sobre a atuação política da Imperatriz Leopoldina, por meio da análise de cartas escritas por ela mesma. Ainda que não faça parte do dossiê, e não tenha tido como recorte a categoria gênero em sua análise, o artigo oferece importante contribuição para pensarmos o lugar da mulher na história da Independência do Brasil, e que não aparece nas narrativas oficiais. O outro artigo livre dessa edição é a análise histórica da

sociedade francesa a partir do livro "A Rainha Margot", de Dumas, elaborada por Flávia Drielly Souza e Joachin Azevedo Neto.

Nas notas de pesquisa, Roane Andrade dos Santos, Alice Marçal Joviano, Leandro Barreira Reis e Fabrício Ferreira De Medeiros apresentam um mapeamento do pensamento político de Carlos Lacerda, a partir da análise de seus artigos de jornais escritos entre 1945 e 1955; e Brígida Meira Marques da Silva analisa os livros Sexto e Décimo do Códice Florentino na tentativa de compreender a concepção de mundo e vida dos astecas pelos olhos de Bernardino Sahagún.

Eduardo Cristiano Hass Silva resenha "Il segreto della ricchezza degli altri paesi è la scienza, è l'istruzione técnica: Percorsi di formazione: Percorsi di formação técnica e professionale nell'Italia dell'Ottocento", livro de Valeria Viola, de 2016; Igor Lemos Moreira resenha "Modernidade negra: hip hop, ativismo e mudança social em Havana", de Tanya L. Saunders, de 2021; e Felipe Cotrim resenha "Friedrich Engels and Modern Social and Political Theory", de Paul BlackLedge.

E destacamos entre as resenhas, oportuna para o tema do dossiê deste número, a homenagem de Sabrina Natali Silva Bentes à obra de bell hooks, filósofa, professora, artista, militante feminista e ativista antirracista que faleceu em dezembro de 2021.

Por isso, convidamos todas, todos e todes à leitura dessa edição da Revista Hydra. Reiteramos que o lugar de mulher é na História. É fazendo História. Contando sua história e a história de todas as mulheres. Na militância, na academia, na presidência, ou em qualquer outro lugar onde ela queira estar. Desejamos a todes uma boa e instigante leitura!

Juliane Cavalcante e Natália Maria Gaspar
Conselheiras Editoriais da Revista Hydra

São Paulo, 30 de outubro de 2022. (2º turno da Eleição Presidencial do Brasil)